

João Pateta

João era filho de uma pobre viúva, bom rapaz, mas um tanto simplório. A gente da aldeia chamava-lhe, brincando, o João Pateta. Um dia mandou-o a mãe à feira comprar uma foice. À volta, começou a andar com a foice à roda, de maneira que a foice feriu uma ovelha, e matou-a.

- Pateta, disse-lhe a mãe, o que devias ter feito era meter a foice num dos carros de palha ou de feno de qualquer dos vizinhos.

- Perdão, mãe, respondeu humildemente o João, para a outra vez serei mais esperto.

Na semana seguinte mandou-o comprar agulhas, recomendando-lhe que não as perdesse.

- Fique descansada. E voltou orgulhoso.

- Então, João, onde estão as agulhas?

- Ah! em lugar seguro. Quando saí da loja onde as comprei, ia a passar o carro do vizinho carregado de palha; guardei-as lá, não podem estar em melhor sítio.

- Em tão bom sítio, que se não tornam a ver. És um bratinho, devias tê-las espetado no chapéu.

- Perdão, tornou o João, para a outra vez hei-de ser mais esperto.

Na outra semana, por um dia de calor, o João foi dali uma légua comprar uma pouca de manteiga. Lembrando-se do último conselho de sua mãe, pôs a manteiga dentro do chapéu e o chapéu na cabeça. Imagine-se o estado em que apareceu em casa, com a cara a escorrer manteiga derretida.

A mãe já tinha medo de o mandar a qualquer recado. No entanto, um dia, disse-lhe que fosse à feira vender galinhas.

- Ouve bem, não vendas logo pelo que te derem. Espera a segunda oferta.

- Fico entendido, respondeu João. Foi para a feira. Um freguês chegou-se a ele.

- Queres seis tostões por essas galinhas?

- Ora adeus! minha mãe recomendou-me, que não aceitasse o primeiro preço, mas que esperasse o segundo.

- E tem muita razão. Dou-te um cruzado.

- Está bem. Parece-me que tinha feito melhor em aceitar o primeiro, mas, corno cumpro as ordens de minha mãe, ela não tem que me ralhar.

Depois disto, o João foi condenado a ficar em casa. Sua mãe sabia que mangavam com ele, e se riam dela. Um dia quis fazer uma experiência e disse:

- Vai vender este carneiro à feira. Mas não te deixes enganar. Não o entregues senão a quem te der o preço mais elevado.

- Está bem, agora entendo, e sei o que hei-de fazer.
- Quanto queres por esse carneiro?
- Minha mãe disse-me que não o vendesse senão pelo preço mais elevado.
- Quatro mil-réis.
- É o preço mais elevado?
- Pouco mais ou menos.
- É minha a lã e o carneiro, disse um rapaz que trepara a uma escada.
- Quanto?
- Dez tostões.
- É menos, respondeu timidamente o João.
- Sim, mas vê até onde chega esta escada. Em toda a feira não há um preço mais elevado.
- Tem razão. É seu o carneiro.

Desde esse dia, o João Pateta não tornou a ser encarregado de vender ou comprar fosse o que fosse.

Guerra Junqueiro, in *Contos para a infância*